

## Introdução

*Educação Popular* é o termo que vem caracterizando a tradição pedagógica latino-americana, tendo como principal expoente Paulo Freire. O referido termo, por generalizações muitas vezes descuidadas, vê seu sentido original um tanto esvaziado, ao mesmo tempo em que um imenso leque de correntes se coloca sob tal égide, desconhecendo, contudo, as raízes mais profundas desta vertente.

a expressão ‘educação popular’, em consonância com o processo de implantação dos sistemas nacionais de ensino ocorridos ao longo do século XIX, encontrava-se associada à instrução elementar que buscava generalizar para toda a população de cada país, mediante a implantação de escolas primárias. Coincidia, portanto, com o conceito de instrução pública. [...] A mobilização que toma vulto na primeira metade dos anos de 1960 assume outra significação. [...] E a educação passa a ser vista como instrumento de conscientização. A expressão ‘educação popular’ assume, então, o sentido de uma educação do povo, pelo povo e para o povo (SAVIANI, 2007, p. 315).

O pressuposto de que parte o presente projeto, é de que tais “raízes” da *Educação Popular* latino-americana podem ser situadas entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX. Tal período abrange os processos de secularização da educação (com a expulsão dos jesuítas dos impérios ibéricos), de independência e de *gênese* das repúblicas latino-americanas. Neste contexto, pretende-se destacar a ação de Simón Rodríguez, preceptor *del Libertador* Simón Bolívar, e primeiro idealizador da instrução pública das novas repúblicas independentes latino-americanas, com atenção especial à primeira escola, considerada por ele a mais importante:

El buen éxito en todas las carreras depende de los primeros pasos que se dan en ellas. Estos pasos se enseñan a dar en la primera Escuela: allí empieza la vida de las relaciones con las cosas y con las personas; luego la primera Escuela es la ESCUELA por antonomasia. [...] Es, pues, la primera escuela el terreno en que el árbol social echa sus raíces (RODRÍGUEZ, 2007, p. 123).

Neste sentido, Rodríguez deposita nos sujeitos historicamente situados na infância como categoria social as esperanças para a edificação da *Pátria Grande* fundada por seu pupilo mais famoso - “*De los viejos, nada nuevo puede esperarse. De los hombres puede esperarse algo. De jóvenes puede esperarse mucho. De los niños puede esperarse TODO*” (*Idem*, p. 118). Portanto, a questão central colocada é: teria Simón Rodríguez sido o precursor da *Educação Popular* latino-

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (2011) pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), aluno do programa de Doutorado Latino-Americano em Educação: Políticas Públicas e Profissão Docente, linha de pesquisa: História da Educação; pela Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

americana?

Tal proposta de pesquisa se justifica pelo evidente desconhecimento, inclusive de historiadores da Educação, do processo de *gênese da Educação Popular*, cuja “inauguração” muitas vezes é atribuída a José Martí, como afirma Danilo Streck:

Com ele [Martí] se inaugura uma maneira de fazer pedagogia que vai desaguar, décadas depois, no vasto estuário que passou a ser conhecido como educação popular e que representa uma contribuição peculiar da América Latina no contexto internacional (STRECK, *In*: MARTÍ, 2007, p. 23).

Contudo, interessa aqui apresentar ressalvas quanto a tal assertiva supostamente refutável pelas hipóteses que seguem. O problema científico a ser pesquisado surge quando percebida possível falha no campo do saber, motivando desacordo com conhecimentos ou teorias antes admitidos, ou pelo menos revelando lacuna a ser preenchida, utilizando-se os quadros teórico-metodológicos disponíveis. Ocorre que, muito antes de José Martí, em 1794 (Martí nasce em 1853), o professor venezuelano Simón Rodríguez (1771-1854, conhecido também pelo pseudônimo “Samuel Robinson”), preceptor e amigo *del Libertador* Simón Bolívar, publica suas propostas de reformas por instituições originais em suas “*Reflexiones sobre los defectos que vician la Escuela de Primeras Letras de Caracas y medios de lograr su reforma por un nuevo establecimiento*”. E, pelo menos desde 1830, Rodríguez fala em *Educación Popular*, usando este termo ao defender o projeto de Bolívar e suas proposições<sup>2</sup>. Em 1840, volta ao tema, desenvolvendo-o ainda mais em *Luces y Virtudes Sociales: “El objetivo del autor, tratando de las Sociedades americanas, es la Educación Popular, y por Popular entiende Jeneral. [...] Lo que no es jeneral, sin excepción, no es verdaderamente público, y lo que no es público no es social”* (RODRÍGUEZ, 2004, p. 67).

Neste sentido, uma vez identificado o problema, cabe a formulação e delimitação do tema de pesquisa. A hipótese aqui defendida é de que seria mais adequado atribuir a “inauguração” ou o “pioneirismo” da *Educación Popular latino-americana* a Simón Rodríguez. “Pioneirismo” por que era em sentido novo, de popularizar o conhecimento esclarecedor segundo a visão iluminista da época. *Educación Popular* original como aconselhava ser Simón Rodríguez em sua didática defesa de ideias: “*Dónde irémos a buscar modelos?... – La América Española es orijinal = ORIJINALES han de ser sus Instituciones i su Gobierno = i ORIJINALES los medios de fundar uno i outro. O Inventamos o Erramos*” (RODRÍGUEZ, 2004, p. 138).

José Martí desenvolverá a ideia de *Educación Popular* – entendida como geral e de qualidade para todos – certamente, contudo posteriormente. Segundo Martí, “*Educación Popular no quiere decir exclusivamente educación de la clase pobre; sino que todas las clases de la nación, que es lo mismo que el pueblo, sean bien educadas*” (MARTÍ, 1990, p. 147). Tais evidências colocam inclusive, diretamente, a *Educación Popular* como um dos fatores determinantes por indução ideológica do próprio processo de independência das repúblicas

---

<sup>2</sup> El Libertador del Mediodía de América y sus compañeros de armas, defendidos por un amigo de la causa social. *In*: RODRÍGUEZ, Simón. 2004, pág. 17.

americanas “libertadas” por Simón Bolívar, o mais famoso discípulo de Rodríguez, que o colocará a frente dos primeiros projetos educacionais das novas repúblicas.

### **Apontamentos sobre a vida e obra de Simón Rodríguez**

No sentido de problematização do objeto de estudo proposto à luz de nosso referencial teórico, situamos aqui a figura intelectual supostamente pioneira da *Educação Popular* latino-americana na pessoa de Simón Narciso Jesús Rodríguez. Diferentemente da maioria dos intelectuais contemporâneos seus, Simón Rodríguez nunca fizera parte das elites venezuelanas, ao tempo que, repercutindo sua experiência cotidiana, estava diretamente envolvido com os problemas educacionais, principalmente da Primeira Escola, considerada por ele a mais importante.

Simón Rodríguez é pouco conhecido no Brasil, mesmo entre os estudiosos da História da Educação. [...] Nasceu em 21 de outubro de 1771, em Caracas, foi abandonado na roda de expostos (era um menino branco) e, posteriormente, adotado pela viúva Rosália Rodríguez. [...] Recebeu instrução elementar em Caracas; na escola do convento de São Francisco teve o padre franciscano Frei Manuel de Jesús Nazareno Zidália, homem culto e bem formado em filosofia, como mestre. Recebeu o título de Professor Primário aos vinte anos, iniciando sua prática cotidiana. Conhecia as ‘novas’ ideias filosóficas e não aceitava a situação política da Capitania da Venezuela (COELHO PRADO, 2002, p. 199).

Rodríguez inicia sua carreira de mestre de primeiras letras para meninos, lecionando para Simón Bolívar – seu mais famoso educando – em 1792, tornando-se seu preceptor em 1795, quando Bolívar, com 12 anos de idade, vive temporariamente na casa do mestre. A relação entre Rodríguez e Bolívar é de suma importância para o entendimento do período pós-independência, quando Bolívar confiará a Rodríguez o planejamento da instrução pública republicana. Cabe, contudo apontar aqui, ainda no contexto colonial latino-americano, profundas transformações históricas que em muito determinariam os destinos da *Educação Popular* proposta por Simón Rodríguez:

Na segunda metade do século XVIII, os monarcas reformistas ibéricos haviam sinalizado a decisão de mudanças nos mais diversos campos, incluindo o da educação. Foi nos governos de Carlos III (1759-1789), na Espanha e de José I e de seu ministro Marquês de Pombal (1750-1777), em Portugal, que as mudanças foram mais efetivamente implementadas. A expulsão dos jesuítas de Portugal, em 1759, e da Espanha, em 1767 – responsáveis por parte importante do ensino nas metrópoles e nas colônias – anunciava a tomada desse espaço vazio pela ação das Coroas (COELHO PRADO, 2002, p. 205).

Desde a expulsão dos jesuítas das colônias ibero-americanas, num momento de crescente contestação do absolutismo pelas ideias iluministas, marcado pelo típico governo déspota esclarecido combinando a monarquia absolutista com o racionalismo iluminista, ocorreu a transformação central do Estado como promotor da educação<sup>3</sup>. Mudança de rumo bem captada

---

<sup>3</sup> Exemplo disso foi o modelo de aulas régias implantado no Brasil, financiado pelo subsídio literário.

por Rodríguez, um professor formado por um ensino religioso típico do antigo regime, presenciando e endossando assim o processo de secularização da educação nas jovens repúblicas americanas. A educação até então estava presa ao “*monopólio jesuítico, cujo ensino se mantinha, conforme entendiam, preso a Aristóteles e avesso aos métodos modernos de fazer ciência*” (SAVIANI, 2007, p. 80). A educação jesuíta predominante era de prática do tipo escolástica, revalorizada desde a Contra-Reforma, convencionalmente chamado de “educação tradicional”.

A obra educativa dos colégios jesuítas foi um dos fatores mais eficientes da Contra-Reforma católica, tendo se formado neles um número expressivo de grandes intelectuais entre os quais se situam Descartes, Bossuet, Molière, Corneille, Montesquieu, Rousseau, Diderot, Richelieu, Calderon de la Barca, Lope de Veja, Miguel de Cervantes, Vico, O’Connel, Antônio Vieira (SAVIANI, 2007, p. 57).

A Companhia de Jesus implantou em todos os colégios da Ordem em todo o mundo um plano geral de estudos, conhecido como *Ratio Studiorum*, de caráter universalista e elitista. Rodríguez (2007, p. 113) também criticou neste tipo de educação da infância “*lo que exigem que se haga com sus hijos – estudio, continuo sabatinas, argumentos de memória, confesiones forzadas, ejercicios de San Ignacio, exámenes, prêmios*”...

A Espanha nos legou, entretanto, um sentido aristocrático e um conceito eclesiástico e literário de ensino. Dentro desse conceito, que fechava as portas das universidades aos mestiços, a cultura era um privilégio de casta. O povo não tinha direito à instrução. O ensino tinha como objetivo formar clérigos e doutores (MARIÁTEGUI, 2010, p. 116).

Conspirador envolvido em um plano para derrubar o governo espanhol na Venezuela, denunciado e perseguido em Caracas pela Coroa Espanhola, Rodríguez foge para a Jamaica em 1797, adotando o pseudônimo “Samuel Robinson”, utilizado do outro lado das fronteiras venezuelanas. A escolha de tal pseudônimo deve-se ao impacto produzido em Rodríguez pelo relato de Daniel Defoe sobre *as aventuras de Robinson Crusoe*, livro publicado em 1719. É provável, contudo, que os latino-americanos tenham tido acesso, primeiro, à versão alemã do relato, escrita por Joachin Heinrich Campe – *Robinson der Jüngere* – publicada em 1769, que foi escrita sob a influência do livro *Emílio* ou *Da Educação* (1762), de Rousseau, o qual indicava *Robinson Crusoe* como um livro excepcional para crianças – sujeitos historicamente situados na infância -, na medida em que lhes ensinava a aprender como Robinson: fazendo. O herói náufrago que viveu vinte e oito anos solitário numa ilha deserta próxima à foz do grande rio Orinoco (Venezuela) deste romance forneceu a Rodríguez a personagem literária favorita e a Rousseau o protótipo de seu “homem natural”. Jean-Jacques Rousseau foi o pensador mais influente para Rodríguez em matéria de educação, como pode ser percebido na originalidade de seu projeto de *Educação Popular*, também endossado por Bolívar:

na filosofia política do genebrino se alicerça o aspecto mais original da proposta bolivariana: a ideia do poder moral. [...] O seguinte trecho do discurso pronunciado por Bolívar em Angostura em 1819, é revelador da sua inspiração rousseauiana: ‘Para tirar deste caos a nossa nascente República, todas as nossas faculdades

morais não serão suficientes, se não fundirmos a massa do povo num todo; a composição do governo num todo; a legislação num todo, e o espírito nacional num todo. Unidade, unidade, unidade, deve ser a nossa consigna [...]. A educação popular deve ser o cuidado primogênito do amor paternal do Congresso. Moral e luzes são os polos de uma República, moral e luzes são as nossas primeiras necessidades'. (VÉLEZ RODRÍGUEZ, 2010, p.8).

Rousseau, filósofo da liberdade como valor supremo, sistematizou toda uma nova concepção de educação, que inspirará o movimento de renovação escolar chamado de “escola nova” (em contraposição à “educação tradicional”), que reúne vários pedagogos dos séculos XIX e XX – influenciando assim, também a *Educação Popular*, cuja pesquisa para comprovação é aqui proposta. Tais ideias teriam penetrado na Venezuela pelo ineficaz controle da coroa espanhola sobre sua colônia. “O governo espanhol tentou impedir a chegada de notícias e de propaganda da França até seus súditos, mas as barreiras foram rompidas por uma torrente de literatura revolucionária na Espanha e na América” (LYNCH, 2009, p. 68).

Simón Rodríguez parte em 1800 para os Estados Unidos, e também não deixa de criticar a contradição em que permaneceu por muito tempo a primeira república americana ao exaltar a liberdade ao mesmo tempo em que mantinha a escravidão:

Los Angloamericanos han dejado, en su nuevo edificio, un trozo del veje – sin duda para contrastar – sin duda para presentar la rareza de un HOMBRE mostrando con una mano, a los REYES el gorro de la LIBERTAD, i com la otra, levantando un GARROTE sobre un NEGRO, que tiene arrodillado a sus pies (RODRÍGUEZ, 2004, p. 137).

Rodríguez em seguida chega à França, onde trabalha como impressor, e leciona espanhol e inglês, dirigindo-se posteriormente à Inglaterra. Tal peregrinação não pode ser desconsiderada para a pesquisa proposta, que pretende rastrear textos, cartas, artigos, livros ou qualquer tipo de fonte produzida por Rodríguez nestas regiões. Isto, tendo em conta que no século XIX “para a grande maioria dos habitantes do mundo as cartas eram inúteis, já que não sabiam ler, e o ato de viajar – exceto talvez o ato de ir e vir dos mercados – era absolutamente fora do comum” (HOBBSAWM, 2010, p. 30).

De volta à Paris, Rodríguez abre uma escola de língua espanhola e reencontra-se com Bolívar em 1804. No mesmo ano, este último, confessa<sup>4</sup> que foi Simón Rodríguez quem o tirou do estado de depressão em que se encontrava após o prematuro falecimento de sua esposa María Teresa del Toro y Alayza, ocorrido em 1803, e quem lhe indicou o caminho da luta em prol da liberdade da América hispânica, como meta que desse sentido à sua vida (VÉLEZ RODRÍGUEZ, 2010, p. 4).

Rodríguez acompanha Bolívar no ano seguinte à Itália, onde assistem à segunda coroação de Napoleão Bonaparte em Marengo – “se os ideais humanísticos e cívicos foram bebidos por Bolívar na fonte rousseuniana, o seu arquétipo militar foi Napoleão” (*Idem*, p. 6). Em Roma, no

---

<sup>4</sup> Em carta dirigida à sua prima Fanny D’Erviu de Villars.

Monte Sacro<sup>5</sup> Bolívar faz ao mestre o famoso juramento de lutar pela libertação da América hispânica, como descreve o testemunho do próprio Rodríguez:

Y luego, volviéndose hacia mí, me dijo: ‘... Juro delante de usted, juro por el Dios de mis padres; juro por ellos; juro por mi honor; y juro por la patria, que no daré descanso a mi brazo, ni reposo a mi alma, hasta que haya roto las cadenas que nos oprimen por voluntad del poder español’ (RODRÍGUEZ, 2004, p. 232).

Entre 1806 e 1823, enquanto Bolívar retornara para a Venezuela, e vencia suas guerras de libertação na América do Sul concluídas em 1825, Rodríguez viaja pela Europa, sustentando-se como professor em diversas escolas da Alemanha, Prússia, Rússia e Holanda, chegando a trabalhar em um laboratório de química, aprendendo línguas e concorrendo a reuniões secretas de caráter socialista (RODRÍGUEZ, 2004, p. 232) utópico<sup>6</sup> – “no es sueño ni delirio, sino filosofía...; ni el lugar donde esto se haga será imaginário, como el que se figuro el Canciller Tomás Morus: su utopia será, em realidad, la América” (RODRÍGUEZ, 2004, p. 64). Rodríguez era um iluminista propagador de uma utopia *criolla* com seus próprios caminhos e metas, que se pretendia iniciadora, pioneira como sua *Educação Popular*, diferente por oposto ao mundo conhecido aqui e no velho continente: “Las LUCES adquiridas sobre el ARTE de vivir dejan entrever que las Sociedades pueden existir sin REYES y sin CONGRESOS [...] para todo hay Escuelas em Europa, em ninguna parte se oye hablar de Escuela Social” (Idem, pp. 84/85). Por tais ideias há também autores que consideram Rodríguez o “primeiro socialista americano” (COVA, 1947).

Deste período na Europa, certamente data grande parte das influências que podem ser percebidas em suas obras e propostas mais elaboradas sobre *Educação Popular*, reveladoras das raízes de tal pensamento e suas múltiplas inspirações, especialmente em iluministas como, além do já apontado Rousseau, Voltaire, Montesquieu, Diderot, Saint-Simon e Fourier; e ainda com atenção especial em seu horizonte social: os rumos dados por Simón Bolívar na América, e na Europa por Napoleão Bonaparte:

NAPOLEÓN em Europa i BOLÍVAR em América – Napoleón se encerraba en sí mismo: Bolívar queria estar en todas partes; Napoleón queria gobernar al jénero humano: Bolívar queria que se gobernara por si; i Yo quiero que aprendan a gobernarse... pues todavía quiero más quien que vengan a APRENDER A MI ESCUELA (RODRÍGUEZ, 2004, pp. 104/105).

O próprio Rodríguez expõe o que viu na prática educacional europeia - “Un poco menos mal que acá se hace lo mismo en Europa: yo he vivido allá muchos años, enseñando y viendo enseñar: no hablo por noticias” (RODRÍGUEZ, 2007, p. 121). Defendia Rodríguez uma educação pública em oposição ao ensino-mercadoria que suprime a igualdade ao negar a gratuidade –

<sup>5</sup> Foi para o Monte Sacro que os plebeus romanos se retiraram, em 494 a. C., quando se insurgiram contra o patriciado, escapando assim da opressão de aristocratas e nobres, tornando-o símbolo da liberdade.

<sup>6</sup> No auge do romantismo (movimento que valorizava a força dos sentimentos, a intensidade das paixões e a riqueza das experiências vividas e sonhadas), na Europa da primeira metade do século XIX, floresceram as utopias socialistas, que imaginavam sociedades nas quais as pessoas estariam livres das consequências perversas da sociedade burguesa, como em *Utopia* – a ilha fictícia de Thomas Morus.

*“hacer NEGOCIO com la EDUCACIÓN es... diga cada Lector todo malo que pueda todavia le quedará mucho que decir”* (RODRÍGUEZ, 2004, p. 75). Educação republicana baseada nos valores iluministas, cujos idealistas eram os mais concorridos da época, com especial atenção neste caso a Condorcet (apropriado também por Comte e Marx) e suas *Cinco memórias sobre instrução pública* – *“com um vigor e uma decisão de espírito notáveis, Condorcet reclamava para todos os cidadãos todas as possibilidades de instrução, a gratuidade de todos os níveis, o cultivo tríplice das faculdades físicas, intelectuais e morais”* (HERRIOT *apud* MARIÁTEGUI, 2010, p. 123). Contudo, mesmo com a apropriação do Iluminismo para pensar a realidade americana, temos claro que *“mais que à direção da paisagem ideológica, é a uma observação da localização dos intelectuais – e eventualmente de seu deslocamento – no interior dessa paisagem que o historiador deve particularmente se dedicar”* (SIRINELLI, 2003, pp. 257/258).

Em abril de 1823, depois de ter assistido à ascensão e queda de Napoleão, Rodríguez vê o início da intervenção francesa na Espanha, aceita pelo Congresso de Viena no ano anterior. Com os sucessos de Bolívar em suas empreitadas, Rodríguez então retorna à América do Sul, por onde circulará tratando de seus projetos educacionais até a morte:

Yo dejé la Europa por venir a encontrarme con Bolívar, no para que me protegiese, sino para que hiciera valer mis ideas a favor de la causa. Estas ideas eran (y serán siempre) emprender una educación popular, para dar ser a la República imaginaria que rueda en los libros y en los Congresos (RODRÍGUEZ, 2004, p. XVII).

Primeiramente Simón Rodríguez estabelece-se em Bogotá em 1824, onde monta uma casa de “Indústria Pública” para ensinar aos jovens ofícios mecânicos e conhecimentos básicos como ler, escrever e calcular. No ano seguinte, chega ao Peru para consolidar a nova política administrativa das províncias, organizar a educação e a distribuição de terras entre os indígenas, a pedido de Bolívar, então vencedor das guerras de independência<sup>7</sup> das novas repúblicas americanas, que desta forma coloca pela primeira vez a Educação sob responsabilidade do Estado republicano de independência nascente. Em seguida, Rodríguez vai para a Bolívia onde apresenta projeto de educação aprovado em Chuquisaca, no qual o Estado seria também responsável pela instrução da juventude. É designado simultaneamente para exercer os cargos de “Director General de Enseñanza Pública, de Ciencias Físicas, Matemática y de Artes” da Bolívia. Em 1826 funda a Escola Modelo de Chuquisaca.

O Libertador quis que o mestre irradiasse a luz dos seus conhecimentos nos países recém libertados. No Alto Perú (Bolívia), Simón Rodríguez tentou desenvolver as suas ‘escolas modelo’, em que se realizaria o ideal de um ‘socialismo pedagógico’, com a finalidade de transformar as crianças abandonadas em cidadãos livres (VÉLEZ RODRÍGUEZ, 2010, p. 5).

Em Chuquisaca Simón Rodríguez colocou em prática suas ideias com três mil crianças, sendo mil recolhidas nas ruas, desenvolvendo assim para a infância um plano piloto do que seria

<sup>7</sup> Em 1825 Bolívar teria mostrado interesse em libertar o Brasil do jugo português – mesmo independente desde 1822, era ainda uma monarquia governada sem o poder Legislativo (até 1826) por um português, o imperador D. Pedro I, cujo autoritarismo desencadeou o ressurgimento de projetos separatistas como a Confederação do Equador (1824) – mas seu projeto não obteve apoio de outras repúblicas sul-americanas.

sua proposta de educação, considerando ainda, que, “*así como es próprio carácter de la infancia y puericia el ser inocente, lo es también el ser delicada, y penosa, tanto por su debilidad, cuanto por el desconcierto de sus acciones*” (RODRÍGUEZ, 2004, p. 10). Rodríguez empreende ainda outras escolas em diferentes cidades e povoados do país sem, contudo, deixar de enfrentar problemas:

Un abogado llamado Calvo desbarato mi establecimiento en Chuquisaca, diciendo que yo agotava el tesoro para mantener putas y ladrones, en lugar de ocuparme del lustre de la gente decente. Las putas y los ladrones eran los hijos de los dueños del país. Esto es, los cholitos y cholitas que ruedan en las calles y que ahora serían más decentes que los hijos e hijas del señor Calvo (RODRÍGUEZ, 2004, p. XXVII).

Alegando, contudo, falta de apoio por parte do Governo, renuncia aos cargos que exercia, escrevendo no ano seguinte a Bolívar ratificando sua amizade e manifestando as razões de seu fracasso no projeto educativo da Bolívia.

Em 1828 volta ao Peru onde retoma a publicação de sua obra e abre uma escola. Publica em 1830 *El Libertador del Mediodía de América y sus compañeros de armas, defendidos por un amigo de la causa social*, texto referente a suas proposições sobre *Educação Popular* e aos processos político-sociais da região liderados por Bolívar e seus companheiros de armas. Entre estes, estava o general brasileiro José Inácio de Abreu e Lima que, de volta a Pernambuco, publicaria *O Socialismo* em 1855, primeira obra sobre o tema título publicada na América, o que pode ser indício de seu contato com o socialismo utópico, entre muitas possibilidades, através de Rodríguez – é certo que Abreu e Lima<sup>8</sup> pertencia a longa tradição revolucionária pernambucana<sup>9</sup>, envolvendo-se ainda na Revolta Praieira (1848) também de caráter socialista utópico.

Em 1833 Rodríguez organiza um plano de educação científica em um instituto literário no Chile, onde trabalha como preceptor de educação primária e diretor dos seus ramos literários. Visita em 1839 em Santiago do Chile, várias vezes Andrés Bello, que também fora professor de Bolívar e seu secretário de relações exteriores, a personalidade literária mais importante do romantismo hispano-americano.

Publica no ano seguinte onze artigos de caráter político, intitulados “Partidos”, no periódico *El Mercurio*, de Valparaíso. Retorna ao Peru em 1841, e estabelece-se no Equador em 1843. Em 1849 publica no periódico *Neo-Granadino* de Bogotá seu importante *Extracto Sucinto de mi obra sobre la Educación Republicana*, onde reitera seus critérios sobre a *educação popular* por ele defendida – “*Hace 24 años que estoy hablando, y escribiendo pública y privadamente, sobre el sistema Republicano, y, por todo fruto de mis buenos oficios, he conseguido que me traten de loco. ‘Los niños y los locos dicen las verdades’.*” (RODRÍGUEZ, 2007, p. 106). Entre 1850 e 1851 produz seu último texto tratando de suas ideias sobre educação: *Consejos de amigo, dados al*

---

<sup>8</sup> Seu pai, o Padre Roma, fora executado por envolvimento na Revolução Pernambucana que proclamara a República em 1817, contudo, logo debelada; como as punições contra réus condenados por lesa-majestade se estendiam a segunda geração de seus parentes, Abreu e Lima, sem chances de carreira militar no Brasil, incorporou-se ao exército de Bolívar, com a patente de capitão.

<sup>9</sup> A longa tradição revolucionária pernambucana pode ser situada desde a Insurreição Pernambucana que expulsou os holandeses em meados do século XVII, passando pela revolução republicana de 1817, Confederação do Equador de 1824 e pela Revolta Praieira (1848-50), entre outros movimentos.



*Colegio de Latacunga*, em resposta ao pedido de um regulamento para reger a primeira escola que, na proposta de Rodríguez, seria a “*ESCUELA SOCIAL – Llámase así la Primera Escuela, i se le dará el nombre que le corresponde [...] No habrá JAMÁS! Verdadera Sociedad, sin Educación Social*” (RODRÍGUEZ, 2004, pp. 203/209). Neste importante texto, Rodríguez reafirma suas teses pregando a construção de uma verdadeira sociedade republicana através da educação social da infância, com especial atenção também aos indígenas, propondo “*Úna Cáterda de Castellano i ótra de Quichua... en lugar de Latín; úna de Física, ótra de Química i ótra de Historia Natural em lugar de teologia, Derecho i Medicina*” (RODRÍGUEZ, 2004, p. 211). Rodríguez encerra seus *Consejos de amigo* com uma rica e curiosa auto-definição:

Quién mete a Don Simón en eso? O... al Señor Simón... (a la Republicana) será la Pregunta. Usted responderá... porque me conoce – que el Señor Simón es COSMOPOLITA, nó Egoísta... como el vulgo interpreta la palabra, sino um hombre EMINENTEMENTE! Sociable, porque ve su PATRIA donde se halla, i COMPATRIOTAS en los que lo rodean. Que en cualquiera parte vive, porque no es VACA para tener COMEDERO: que no hace lo que vê hacer a todos, porque no es MONO, para imitar sin CRÍTICA, ni VELETA, para volverse a todos los vientos, que a NADIE ofende, i hace el BIEN que puede, que solo El se desvela, hablando i escribiendo, por hacer ver la importãncia de la Primera Escuela, i que si TODOS pensãran como EL no habría Amos, porque no habría ESCLAVOS – ni TITERES, porque no habría quien los hiciese BAILAR – ni guerras, porque no habría a quien arrear al matadero. Las naciones CULTAS, no llamarían los Cañones a consejos em sus deliberaciones, i reglarían la marcha de sus NEGOCIOS, con PALABRAS, nó con tambores. LOS AMERICANOS estarían viendo el Suelo que pisan, nó mirando Estrellas, esperando lo que está en el Órden, nó que el Olmo dé Peras buscando su vida em trabajo, nó rezando el padre nuestro, para Pedir qué almorzar, contando con lo que tienen, nó con lo que lês promete, el que no tiene qué dar (RODRÍGUEZ, 2004, pp. 227/228).

Simón Rodríguez falece no Equador em 1854 aos 84 anos. Foi um dos intelectuais latino-americanos mais importantes do século XIX, defendia a combinação da educação com o trabalho, com a promoção de escolas técnicas e agrícolas. Um de seus maiores legados certamente foi a criação da primeira escola onde se misturava o que até então eram considerados opostos: os meninos e as meninas, os índios, os negros e os brancos de diferentes castas, o trabalho manual e o intelectual, e, o mais importante: responsabilizou o Estado pela educação do povo. Essa originalidade exigida pela *Educação Popular* pode assim ser justificada por Rodríguez:

La Instrucción pública en el siglo 19, pide mucha filosofía: el interés jeneral está clamando por una reforma; y la América está llamada por las circunstancias á emprenderla. Atrevida paradoja parecerá; nó importa: los acontecimientos irán probando que es una verdad mui obvia: la América no ha de imitar servilmente, sino ser orijinal (RODRIGUEZ, 2004, p. 68).

### **Referências Bibliográficas:**

BERSTEIN, Serge. **A Cultura Política**. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Org.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

COELHO PRADO, Maria Ligia. **Simón Rodríguez, mestre de primeiras letras, e as idéias sem fronteiras.** In FREITAS, M. C.; KUHLMANN JR., M. (Orgs.) **Os intelectuais na história da infância.** São Paulo: Cortez, 2002.

COVA, J. A. **Don Simón Rodríguez, maestro y filósofo revolucionario: Primer socialista americano - Vida y obra del gran civilizador.** Buenos Aires: Editorial Venezuela, 1947.

DOSSE, François. **História e Ciências Sociais.** Bauru, SP: EdUSC; 2004.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções (1789-1848).** São Paulo: Paz & Terra, 2010.

LYNCH, John. **As origens da Independência da América Espanhola.** In: BETHELL, L. (org.). **História da América Latina: Da Independência a 1870,** volume III. São Paulo: Edusp, 2009.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARTÍ, José. **Ideário Pedagógico.** La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1990.

MARTÍ, José. **Educação em nossa América.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

RODRÍGUEZ, Simón. **EXTRACTO SUCINTO DE MI OBRA SOBRE LA EDUCACIÓN REPUBLICANA.** In: Revista Historia de la Educación Latinoamericana, nº 009, Tunja, Colombia: Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, 2007.

RODRÍGUEZ, Simón. **Inventamos o erramos.** Caracas, Venezuela: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 2004.

SALIBA, Elias Thomé. **As utopias românticas.** São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SIRINELLI, Jean-François. **As elites culturais.** In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Org.). **Para uma história cultural.** Lisboa: Estampa, 1998.

SIRINELLI, Jean-François. **Os Intelectuais.** In: REMOND, René (Org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro, RJ: Ed. FGV; 2003.

STRECK, Danilo R. **José Martí e o Imaginário Pedagógico Latino-Americano/Introdução para uma leitura pedagógica.** In: MARTÍ, José. **Educação em nossa América.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. **As influências de Rousseau e Napoleão em Simón Bolívar.** Juiz de Fora, MG: UFJF, 2010. Disponível em: <http://www.ecsbddefesa.com.br/defesa/fts/Bolivar.pdf>